

## O JORNALISTA E O ESTUDO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

**J. C. ALENCAR ARARIPE**

Convidou-me a direção do I.B.E.U. para falar na abertura de um curso especial de Inglês, ministrado a um grupo de jornalistas e radialistas. Não fugindo à convocação, ali estive, ocupando-me, no encontro, do ensino das línguas modernas, não com a pretensão de um especialista na matéria, já que conheço muito bem as minhas limitações, mas com o desejo, tão-só, de focar alguns aspectos da problemática, que me parecem sobremodo relevantes.

Na primeira ordem de considerações, ocorreu-me dizer que não se há dado, ao estudo das línguas, a ênfase necessária. Nem mesmo do Português nos ocupamos com a devida atenção.

Houve tempo, e ainda recente, em que o Português não figurava na pauta do vestibular da maioria das escolas superiores. E essa circunstância contribuiu para que cada vez menos se estudasse a língua pátria.

Hoje, para ingresso na Universidade, é exigido o conhecimento do Português e de outra língua viva. O estudo realizado reveste-se, porém, de modo geral, de um imediatismo interesseiro muito evidente e chocante. Procura-se aprender algo, não por amor às ciências e às letras, não por exigência do espírito, não por um anseio de cultura. O que se tenta é um instrumento de habilitação que ajude a galgar a Universidade, ser aprovado em concurso público ou obter emprêgo no mundo privado.

Não há o entendimento de que uma língua a mais que se domina é um instrumento nôvo de pensamento, retirando-nos do provincialismo tacanho para lançar-nos em poderosas correntes de idéias. Se uma viagem ao estrangeiro abre-nos outros horizontes, quanto mais a constante e metódica incursão nos domínios de uma língua moderna.

O professor Valnir Chagas, no livro **Didática Especial de Línguas Modernas**, reporta-se a êsse estranho comportamento. Inspira-se tal conduta em objetivos utilitários, a meu ver compreensíveis, naturais e humanos. Mas que não podem prevalecer com exclusividade, em prejuízo dos objetivos educacionais, como a formação da personalidade e desenvolvimento de hábitos de observação e reflexão, ou dos objetivos culturais, como o conhecimento das civilizações, compreensão das tradições de outros povos, a literatura, a história, a geografia, a economia, a religião e o sentido de unidade espiritual da humanidade.

Em 1961, em viagem pela Alemanha Ocidental, cheguei, um dia, a Heidelberg. O alemão, que recebera o encargo de acompanhar-me, como a outros jornalistas, manifestava-se em ótimo Português aprendido em Coimbra. Mas não era só. Como falava, com base e discernimento, do Brasil e Portugal de hoje e de ontem! Razão tem Valnir Chagas, no seu já citado livro, quando sentencia: "Se do idioma chegamos à cultura, será pela cultura, reciprocamente, que atingiremos a plenitude do conhecimento lingüístico. Uma coisa se contém na outra."

Em meio às deficiências, e que são muitas, do nosso curso secundário, avulta a do ensino de línguas, a começar do Português. E por que? Exatamente porque persiste o apêgo a métodos antigos, superados, bolorentos, com a predominância da gramática e a enxurrada de regras que se empilham na mente.

Não sou contra a gramática. Ela é imprescindível para disciplinar a linguagem. Impõe-se, contudo, que seja ministrada sem formalismo, de modo indutivo, o que só se consegue através da leitura e da prática.

Porque assim não ocorre é que se vêem recém-formados que nem sequer redigem em termos um simples requerimento. E quem, falando ou escrevendo, não se expressa corretamente na sua língua, sente inevitáveis inibições no exercício da profissão.

Permitam-me repetir o truísmo: saber falar e escrever é trunfo para vencer na vida.

Merecem funda meditação estas considerações de Cecil E. Good: "Um dos fatos mais interessantes apurados nas pesquisas e estudos sobre liderança prende-se à habilidade de o líder falar e escrever fluentemente. Se, por um lado, os dados científicos demonstram claramente que a facilidade de expressão constitui notável atributo do líder, os estudantes há muito reputam a facilidade de expressão um fator chave na liderança. Disraeli afirmou: 'Com palavras, governamos homens.'

"Abraão Lincoln consagrou-se pela sua palavra simples e eficiente. Revelou-se um gênio no manejo da palavra escrita e falada, malgrado não dispor relativamente de instrução alguma. Sobre Abraão Lincoln lemos no **Cambridge History of American Literature**:

'Não foi sua orientação política, não foram suas atitudes que granjearam para Lincoln a posição vanguardista que teve em seu partido em 1860, mas seu modo de dizer as coisas. Em toda revolução, existe um momento em que o homem, que souber traduzi-la em palavras, poderá liderá-la'.

Se há os predestinados, como Lincoln, que alcançam culminâncias sem o lastro de uma sólida e metódica urdidura cultural, forjada nas escolas e faculdades, êsses são a exceção da regra. E por isso é que a personalidade de tais homens excepcionais tanto nos sensibiliza e emociona até. Porque o normal, na vida dos que se projetam e galgam a montanha, é a subida persistente, sistemática, na escada do saber, passando por todos os degraus, que levam das primeiras letras aos altos estudos.

É essa caminhada, repleta, quantas vezes, de lances heróicos que nos deixa, pela maneira como se processa entre nós, preocupados e constrangidos. Pois é patente a insuficiência, a precariedade e — por que não dizer? — a falência, em numerosas circunstâncias, do curso primário, do secundário e do superior. E tal quadro, a persistir, o que admito só para argumentar, comprometeria irremediavelmente o Brasil na sua corrida para o futuro.

Não irei deter-me na análise desse estado de coisas, pois que fugiria aos propósitos inicialmente enunciados. Tinha que ferir, ao menos de relance, o panorama geral. Porque o particular, no tocante a línguas, é uma decorrência do descalabro generalizado.

Se o ensino do Português deixa muito a desejar, o que se passa, então, com respeito a outras línguas não tem qualificação. São aulas sem vivacidade, simples leituras e o exercício de decoração de palavras. Ensina-se língua viva como se fôsse língua morta. Não se ensina, portanto. Faz-se-de-conta. O primarismo é a nota dominante. Procura-se apenas compor o quadro enganador de falsa legalidade, para atender ao menos ao que a legislatura prevê de horas-aula.

Quantos jovens aprenderam Inglês ou Francês no decorrer do curso secundário? Decerto que os há como existem os que não precisaram nem de colégio para se familiarizarem com esta ou aquela língua. Mas tal sucesso se deve ao esforço pessoal de cada um. E tão-só.

E por que assim acontece? Terá a verdade quem responder a esta indagação de Valmir Chagas: quantos colégios dispõem de condições, dentro dos rigores da lei, para o ensino de línguas?

Os estabelecimentos não apresentam a instrumentação moderna audiovisual; os professores não têm iniciativas, limitando-se ao cumprimento do horário, quando muito, e os estudantes, apáticos e acomodados, não se apercebem do tempo precioso perdido inutilmente. Depois, premidos pelo vestibular, ou para corresponder a

encargos passageiros, como a perspectiva de viagens ao estrangeiro, eis que batem às portas dos cursos especializados.

Já foram promovidas várias reformas, por iniciativa do Governo Federal. Para o período, em que cada uma foi promulgada, constituíram passos avançados. Não ultrapassaram, porém, os limites do papel. A mania de fraudar a lei é muito arraigada entre nós, mesmo que, de tal procedimento, resultem inevitáveis prejuízos.

No mundo de hoje, de tantas maravilhas, de sucessos tão extraordinários; em época, como esta, em que a técnica realiza estonteantes descobertas, que nossos avós atribuiriam a fantasias de alienados, não é possível ficarmos apegados a hábitos antigos, retrógrados, que nos tornam passivos e embasbacados observadores e não ativos e entusiastas participantes das conquistas tecnológicas.

Impõe-se uma mudança de mentalidade, inclusive com relação ao problema das línguas. Em Bordéus, na França, processa-se uma experiência revolucionária. Mme. Blaynay defende o ponto de vista de que uma outra língua deve ser ensinada à criança, paralela ao idioma nacional. E, para comprovar que não é uma visionária, põe em prática a sua concepção, com pleno êxito.

Certa feita, o Ministro da Educação da França visitou a sua escola. Ficou surpreso e encantado: foi saudado por vinte garotos, entre 2 e 6 anos, que além do francês falavam também o alemão. Falavam, escreviam e cantavam. Aprenderam pelo método espontâneo: o professor dá a pronúncia e o vocabulário é absorvido através de sua identificação com imagens e objetos.

Professores, prefeitos e industriais de trinta países, reunidos na França, já concluíram, em abono da tese vitoriosa em Bordéus, sobre a imprescindibilidade de o europeu adotar um segundo idioma desde a infância.

Em 1965, instalou-se o primeiro laboratório de língua da República Federal da Alemanha. Hoje, funcionam 400, dos quais trinta e cinco em universidades, cerca de 300 em escolas primárias e, o restante, em empresas. Até 1970, cerca de 20% das escolas e institutos estavam dotados de laboratórios.

Agente sem alma, como são chamados pelos tradicionalistas, com eles aprende-se mais rápido e eficientemente. Para os alemães, a melhor idade está entre 7 e 14 anos. Começando a estudar com 6 anos, a criança, aos 14, fala a língua estrangeira tão bem quanto a nacional.

Na escola americana da era eletrônica, aulas são transmitidas por meio de circuito fechado de televisão. E o sistema encarrega-se até de manter a disciplina: a luz vermelha, quando aparece, é sinal de que o computador registrou anormalidades. O ensino pelo computador está aprovando muito bem em uma escola da Califórnia, onde se aprende mais depressa matemática e leitura do que pelos métodos tradicionais. Até o chinês, uma das línguas mais difíceis,

é ministrada pelo computador. Já o dominam 2.500 alunos de universidades e escolas secundárias.

Com os satélites de comunicação, o professor eletrônico é uma realidade no plano continental. Não faz muito, registrava-se que quarenta engenheiros assistiam a aulas da Universidade de Stanford sem afastar-se de São José dos Campos, a 8 mil quilômetros daquele centro norte-americano.

É o prenúncio auspicioso das vitórias que haveremos de obter, a partir de 1972, quando entrar em execução o plano de alfabetização via satélite de 500 cidades do Nordeste do Brasil, ao qual se seguirá, em 1974, a formação de uma rede que abrangerá todo o País.

Diante de passos tão agigantados, de cuja significação nem sempre nos apercebemos em toda a extensão, incumbe-nos, já frisei, uma mudança de atitudes, de pensamentos, de ação, para não sermos lançados cada vez mais para trás, enquanto outras partes do mundo avançam cada vez mais para a frente.

Tristão de Ataíde conceitua o jornalista como o homem do seu tempo. E a atualidade do jornalista — acentua — é condição essencial de sua permanência.

O conhecimento de outro ou outros idiomas, além daquele do seu próprio país, aumenta as dimensões do jornalista e oferece-lhe maiores possibilidades de intercâmbio, em uma fase da vida da humanidade em que a comunicação é a maior revolução do século. Maior, pelas prodigiosas invenções, maior pelas suas implicações inevitáveis e profundas em todos os setores de atividade.

Assim entendeu o Conselho Federal de Educação. Ao formular o currículo mínimo das Escolas de Comunicação, incluiu o ensino de uma língua estrangeira como disciplina obrigatória. Mas o número de créditos, geralmente atribuído a tal disciplina, não permite rendimento satisfatório, ou seja, a complementação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso secundário. O tempo é demasiado exíguo. A descontinuidade dos estudos logo volta a estabelecer-se, após contacto forçado com a língua estrangeira porventura ofertada no semestre. Atende-se apenas a uma exigência da legislação. Até parece que êsse formalismo inconseqüente é uma das maneiras de pormos em prática o que Eça de Queiroz estranhamente aconselhava: “falemos mal, patrioticamente mal, as línguas estrangeiras”.

Aprendizagem de uma língua — dizem os mestres — exige método, criação de hábitos, trabalho de memória, estudo ordenado, disposição e coragem. E não é o que se vê, infelizmente.

A ser ministrada com tamanha deficiência, melhor seria que nem sequer figurasse no currículo superior. Porque é um esforço que resulta em pura perda.